

O PARADOXO NA OBRA EL TRIUNFO DE CALIBAN DE RUBÉN DARÍO (THE PARADOX IN THE WORK EL TRIUNFO DE CALIBAN DE RUBÉN DARÍO)

Marilene da Silva Lima Cruz
marilenelima74@hotmail.com
Piauí-Brasil

Resumo

O presente trabalho pretende apresentar o personagem de a Tempestade de Shakespeare, Cáliban na obra El triunfo de Cáliban escrita pelo Nicaraguense Ruben Dario. Esse estudo procura identificar a crítica feita pelo escritor Ruben Dario e compreender o termo narrativas pós-coloniais com foco nas colônias americanas, EUA e Cuba. Através de uma análise crítica do Cáliban, de Rubén Dario. Questão literária de forma associada, a teorização proposta estrutura-se no processo de interpretação das personagens Shakespeare de 'A tempestade como um dos caminhos reveladores da realidade colonial instaurada na América Latina, revisando os novos padrões de poder econômicos impostos pela colonialidade. Portanto, vimos a necessidade de dialogar com o pensamento de Rubén Dario com as concepções calibanesca do escritor cubano Roberto Fernández Retamar, com o propósito de atualizar os pressupostos anti-imperialistas associados ao pensamento descolonial latino-americano assim sendo, entende-se o literário como uma maneira de descobrir novas perspectivas acerca da condição colonial latino-americana diante de novas dinâmicas políticas e sociais.

Palavras-chave: Rubén Dario; Período colonial; Caliban

Abstract

This paper intends to present the character from Shakespeare's The Tempest, Caliban in the work El triunfo de Caliban written by Nicaraguan Ruben Dario. This study seeks to identify the critique made by the writer Ruben Dario and understand the term postcolonial narratives with a focus on the American colonies, USA and Cuba. Through a critical analysis of Ruben Dario's Caliban. Literary issue in an associated way, the proposed theorization is structured on the process of interpreting the Shakespeare characters of 'The Storm as one of the revealing paths of the colonial reality established in Latin America, reviewing the new economic power patterns imposed by coloniality. Therefore, we saw the need to dialogue Rubén Dario's thought with the calibanesca conceptions of the Cuban writer Roberto Fernández Retamar, with the purpose of updating the anti-imperialist assumptions associated with the Latin American decolonial thought thus, the literary is understood as a way to discover new perspectives about the Latin American colonial condition in the face of new political and social dynamics.

Keywords: Rubén Dario; Colonial Period; Caliban

Introdução

O presente trabalho pretende apresentar o personagem de a Tempestade de Shakespeare, Cáliban na obra El triunfo de Cáliban escrita pelo Nicaraguense Ruben Darío. Esse estudo procura identificar a crítica feita pelo escritor Ruben Darío e compreender o termo narrativas pós-coloniais com foco nas colônias americanas, EUA e Cuba. A través de uma análise crítica do Cáliban, de Rubén Darío. Questão literária de forma associada, a teorização proposta estrutura-se no processo de interpretação das personagens Shakespeare da tempestade como um dos caminhos reveladores da realidade colonial instaurada na América Latina, revisando os novos padrões de poder econômicos impostos pela colonialidade.

Portanto, vimos a necessidade de dialogar com o pensamento de Rubén Darío com as concepções calibanesca do escritor cubano Roberto Fernández Retamar, com o propósito de atualizar os pressupostos anti-imperialistas associados ao pensamento descolonial latino-americano. Para isso, tem-se como base teórica os escritores: Renan (2003), Anderson (2003), Vasconcelos (1928), Ugarte (2006), Darío (1898), Retamar (2004), Mignolo (2007: 2012), Jáuregui (2008), Santos (2003) e Quijano (2000). O propósito desse artigo é expor também o uso do personagem Caliban, desde o final do século XIX até fins do século XX e, compreender as mudanças em seu uso por diferentes gerações de intelectuais. *A Tempestade*, obra de Shakespeare, foi escrita em 1611, durante o processo de colonização do Novo Mundo, em um momento de encontro entre civilizações e culturas muito diversas, e tem sido utilizada para representar a relação colonizado-colonizador, e no caso da América sua relação com seus outros.

Na Europa as metáforas foram utilizadas por Ernest Renan em 1878, na França, em seu texto chamado *Caliban, Suite de La Tempête*. Caliban, na obra de Renan, é um personagem manipulador e conservador, está ligado à ideia de povo. Na obra de Renan, é Caliban o personagem vencedor, embora, com profunda conotação negativa. Sendo assim, a segunda parte deste estudo buscou compreender a incorporação dessas metáforas por autores latino-americanos de fins do século XIX. As personagens passaram a ser utilizadas na América a partir da Guerra Hispano-Americana de 1898.

A Guerra marca o fim do decadente colonialismo espanhol e a ascensão de uma nova potência: Os Estados Unidos. 1898 não significou, por completo, a independência dos colonizados da metrópole, mas abriu uma ponte de diálogo entre intelectuais que em finais do século XIX. O texto faz uma grande crítica aos EUA nessa nova onda de dizer que ele é o melhor em tudo, um presidente com grande discurso e se dizia profeta democrático. 1898 tornou-se uma data-símbolo na historiografia espanhola, vista como um marco de mudanças importantes na Espanha e América Hispânica. Mas este, como todo e qualquer marco histórico, está sujeito a uma infinidade de interpretações, que comportam inclusive a relativização de sua importância.

Em 1898 os Estados Unidos emergiram como grande potência, e um século depois ainda se mantinham como tal, alcançando uma hegemonia unipolar. Seu primeiro feito de destaque foi a derrubada dos últimos bastiões espanhóis na América (Cuba e Porto Rico) e na Ásia (Filipinas). Mas 98 não representou unicamente uma grande vitória da nova potência imperialista os EUA mas o fim do decadente colonialismo espanhol.

Inimigos de toda idealidade, são espelhos de ampliação perpétuos em seu progresso apoplético; mas o seu Emerson bem qualificado é como a lua de Carlyle; seu Whitman com seus versos de machado, é um profeta democrático, como usado pelo Tio Sam; e seu Poe, o seu grande Poe, pobre cisne bêbado de tristeza e álcool, foi o mártir de seu sonho em um país onde nunca será compreendido. Rubén Dario (1898).

A guerra civil americana foi entre os estados do Norte e os estados do Sul, o Norte era altamente desenvolvido e era contra a escravidão eram formados mais por capitalistas e diziam que eram mais industrializados do que o sul. O texto é de 1898, e a guerra civil americana entre o Norte e o Sul que deu fim a escravidão foi de 1861 a 1865, também conhecida como Guerra de Secessão. (Sua causa principal foi a longa controvérsia sobre a escravização dos negros).

O norte previa o fim da escravidão, porque somente com o fim da escravidão o estado poderia se sobressair e obter mais lucro e com isso o país iria crescer, já o sul além de ser altamente escravocrata, eram agrário tudo baseado na agricultura e agropecuária, sua população eram de conservadores que vieram das primeiras colonizações de ingleses e o norte sua população era formada mais por pessoas que vieram depois do puritanismo

inglês, depois do exílio nos EUA em busca de melhores condições de vida. Essas pessoas que vieram faziam parte das três colônias se fixaram no Norte e transformaram em um país mais industrializado com ideais mais aberto.

O Norte queria o fim da escravidão porque já tinha uma visão de que um país sem escravos tinham melhor condições de prosperar capitalmente. Darío critica esse Norte que era contra a escravidão, mas só aceitava abolir porque queria crescer o seu capital, não se importava com os negros. Enquanto o Sul continuava atrasado e quando houve o choque entre os dois (norte e sul) até os negros “preferiam” ser escravizados no Norte do que no Sul, porque o Sul era mais escravocrata todo escravo que era vendido para algum senhor do Sul, tinham um sentimento como se estivesse sendo levado para um matadouro.

Nota-se também uma crítica quando Darío fala sobre Moore, que era uma cidade do estado de Louisiana ao sul, escravocrata e atrasada, hoje uma das principais cidades americanas. O ano em que Darío escreve o conto é também o ano que acontece a independência de Cuba da Espanha. Cuba era uma colônia espanhola (o que mais tarde isso levará ao socialismo e comunismo de Cuba) e também se voltava contra os EUA que ajudavam na sua independência, mas os EUA sendo uma potência que sempre se aproveitou das guerras para se tornar cada vez mais forte, desejava a independência da ilha de Cuba para obter para si o poder desta.

No texto Darío fala: “chegará o dia em que os EUA e a Inglaterra serão os donos do mundo”. Esse dia é o hoje, a nossa atualidade, a Inglaterra perdeu muito antes e depois da 2ª Guerra Mundial, mas os EUA não perderam nada, é uma superpotência global, pois essa soube se aproveitar. No texto Darío fala do México que era conhecida como a terra do fogo com seu imenso continente de terras e sementes fecundas.

Em 1898 tornou-se uma data-símbolo na historiografia espanhola, vista como um marco de mudanças importantes na Espanha e América Hispânica. Mas este, como todo e qualquer marco histórico, está sujeito a uma infinidade de interpretações, que comportam inclusive a relativização de sua importância.

Em vez da perspectiva do dominador nas suas várias formas históricas - o colonizador, o Ocidente, o "mundo civilizado", o Norte, o império, o Primeiro Mundo, o mundo desenvolvido, o masculino, o branco, etc.- a viragem calibanesca implica uma

mudança de ângulo de visão. A volta calibanesca implica interpretar o passado, assumir o presente e imaginar o futuro a partir da perspectiva dos dominados - o colonial, o Oriente, o "mundo bárbaro", o Sul, a periferia, o Terceiro Mundo, o mundo subdesenvolvido, o feminino, o indígena, o negro, a raça mista, etc.

O olhar calibanês vira assim de cabeça para baixo a interpretação hegemônica da mestiçagem cultural, uma mestiçagem que caracteriza o Sul em geral, e a América Latina em particular. Em vez de serem versões imperfeitas ou impuras de culturas historicamente dominantes, as "culturas híbridas" (García Canclini 1989) constituem uma fonte particularmente propícia à renovação do pensamento e das práticas sociais, e abrigam a possibilidade de repensar o diálogo entre tradições teóricas, políticas e jurídicas com base num modelo ecumênico oposto ao da imposição colonial.

Em contraste com o espantoso provincialismo e monolinguismo do Norte, os habitantes da periferia vivem com diversos códigos culturais e linguísticos, numa mestiçagem resultante do próprio processo de colonização. Para sobreviver num mundo de intercâmbio cultural e econômico desigual, Fernández Retamar argumenta eloquentemente, os colonizados conhecem a tradição cultural e intelectual da metrópole, bem como o colonizador, ao mesmo tempo que se sentem em casa na sua própria tradição cultural.

Pense, por exemplo, no conhecimento que os latino-americanos têm da realidade dos Estados Unidos, que é muitas vezes superior à do americano médio não informado. Ou o multilinguismo e multiculturalismo dos povos indígenas, o que contrasta com a mentalidade cultural fechada das sociedades que os rodeiam.

Dada a importância do pensamento jurídico e social, é importante destacar as profundas repercussões da viragem calibanesca no trabalho intelectual antes de encerrar esta síntese convincente. Como explica Fernández Retamar, o intelectual em sentido lato - desde o acadêmico universitário até ao intelectual orgânico gramsciano, incluindo o professor e todos os outros trabalhadores do pensamento - desempenha um papel central neste drama, como de facto desempenha na peça de Shakespeare, onde é encarnado pela personagem de Ariel. Como em *The Tempest*, o intelectual pode tomar o lado do governante ou o lado dos mais desfavorecidos.

Se optar por fazer esta última e abraçar a perspectiva de Caliban, a sua tarefa é dupla. Primeiro, para nomear as múltiplas formas de dominação, e traçar as ligações entre as fortunas dos dominados e dos dominados. Em contraste com o relativismo radical de algumas vertentes pós-modernas - cuja indiferença é "a filosofia dos exaustos", nas palavras adequadas do poeta cubano - tomar uma posição para contar a história a partir do Sul implica apontar as bases materiais e culturais das várias formas de desigualdade, da exploração capitalista à opressão étnica, racial e de género.

Daí a insistência em ligações e conceitos desconfortáveis que o direito convencional e a ciência social, especialmente a economia neoclássica, tentaram evitar ou ignorar durante décadas, tais como a relação entre o desenvolvimento do Norte e o subdesenvolvimento do Sul, o entrelaçamento do capitalismo e do imperialismo, e a ligação entre os centros do poder económico e os centros de produção do conhecimento, como explicado acima, o intelectual calibanês interpreta estas desigualdades como o produto de relações históricas de dominação, e não como uma prova das deficiências do Sul.

Nisto também rompe com algumas tradições bem estabelecidas no direito e na ciência social, que, como veremos, afirmam ou pressupõem esta visão mesmo quando apontam para a existência de assimetrias Norte-Sul. O que pode o intelectual usar para realizar tais tarefas? Este é o último elemento fundamental do ponto de vista dos Caliban que vale a pena destacar para efeitos do presente documento.

Como afirma Fernández Retamar, utilizando a oposição entre as personagens-conceitos de Próspero (o colonizador, o mestre) e Caliban (o colonizado, o escravo) em O Tempestade de Shakespeare, "assumir a nossa condição de Caliban implica repensar a nossa história a partir do outro lado, a partir do outro protagonista". Talvez o ponto mais exigente da viragem calibanesca em relação à produção de conhecimento seja a ruptura que implica com o cânone intelectual dominante no Sul, especialmente nas universidades.

Neste cânone, a produção intelectual do Norte ocupa um lugar privilegiado, enquanto uma parte infelizmente desordenada do tempo, dos recursos e das energias dos intelectuais do Sul é consumida na assimilação, na tradução e no brilho - ou simplesmente no "acompanhamento" - dos materiais produzidos no Norte. Contra isto, o olhar dos



Nelkuati
Centro de Evaluación Educativa
y de Competencias Profesionales
de Hidalgo CEECPH.S.C.

Caliban acrescenta ao cânone dominante os frutos da sua própria reflexão, e tenta gerar um pensamento híbrido capaz de ultrapassar as limitações de ambos. Ao ler e apropriar-se seletivamente e sem complexos do melhor do cânone hegemônico, o pensador caliban recupera a tradição intelectual do Sul, que foi ignorada ou desqualificada por aqueles cujo olhar está fixo na academia e nos círculos intelectuais do Norte.

A construção ou reconstrução de um cânone crítico local em diálogo com acadêmicos, romancistas, jornalistas e intelectuais de todo o tipo que pensam do Sul torna-se assim uma tarefa prioritária para o pensador Calibanês. Na América Latina, isto implica desaprender a forma convencional de produção intelectual e recuperar as contribuições daqueles que ousaram pensar numa América Latina que exerce o direito de pensar por si própria, começando pela proposta seminal de Martí da "nossa América", até às obras de Fernando Ortiz, José María Arguedas, Darcy Ribeiro, José Carlos Mariátegui, Oswald de Andrade, Leopoldo Zea, Rigoberta Menchú, Gabriel García Márquez e muitos outros que documentaram, construíram ou imaginaram uma América não-colonial.

A dificuldade da tarefa já é sugerida por esta pequena lista, que inclui autores que excluimos dos cânones dos intelectuais universitários e crioulos, e que por isso são muito menos conhecidos do que os pensadores do momento na Europa ou nos Estados Unidos. A dificuldade da tarefa é compensada, no entanto, pelos frutos que promete produzir. No diálogo cosmopolita com aqueles que fizeram trabalhos semelhantes em diferentes cantos do globo - desde a crítica do capitalismo, racismo e sexismo no Norte até à crítica do imperialismo ou do racismo em África e na Ásia - este olhar tem a promessa de tornar visível a "nossa América" de Martí e Fernández Retamar, o "outro Oriente" de Edward Said (1978) no *Orientalismo*, e, finalmente, o outro mundo possível escondido pelo cânone convencional das ciências e das artes.

Em 1898 os Estados Unidos emergiram como grande potência, e um século depois ainda se mantinham como tal, alcançando uma hegemonia unipolar. Seu primeiro feito de destaque foi a derrubada dos últimos bastiões espanhóis na América (Cuba e Porto Rico) e na Ásia (Filipinas). Mas 98 não representou unicamente uma grande vitória da nova potência imperialista os EUA, mas o fim do decadente colonialismo espanhol.



Nelkuati
Centro de Evaluación Educativa
y de Competencias Profesionales
de Hidalgo CEECPH.S.C.

Inimigos de toda idealidade, são espelhos de ampliação perpétuos em seu progresso apoplético; mas o seu Emerson bem qualificado é como a lua de Carlyle; seu Whitman com seus versos de machado, é um profeta democrático, como usado pelo Tio Sam; e seu Poe, o seu grande Poe, pobre cisne bêbado de tristeza e álcool, foi o mártir de seu sonho em um país onde nunca será compreendido. Rubén Darío (1898).

O texto é de 1898, e a guerra civil americana entre o Norte e o Sul que deu fim a escravidão foi de 1861 a 1865, também conhecida como Guerra de Secessão. (Sua causa principal foi a longa controvérsia sobre a escravização dos negros). O norte era altamente desenvolvido e era contra a escravidão, formados por capitalistas e se diziam mais industrializados que o sul. O sul além de ser altamente escravocrata, era agrário, todo baseado na agricultura e agropecuária, formado por conservadoristas que vieram para as primeiras colonizações na América inglesa.

O Norte queria o fim da escravidão porque já tinha uma visão de que um país sem escravos tinham melhor condições de prosperar capitalmente Darío critica esse Norte que era contra a escravidão, mas só aceitava abolir porque queria crescer o seu capital, não se importava com os negros. Quando houve o choque entre o Norte e o sul até os próprios negros “preferiam” ser escravizados no Norte do que no sul. Por que?.

Nota-se uma crítica quando Darío fala sobre Moore, que era uma cidade do estado de Louisiana ao sul, escravocrata e atrasada, hoje uma das principais cidades americanas. O ano em que Darío escreve o conto é também o ano que acontece a independência de Cuba da Espanha. Cuba era uma colônia espanhola (o que mais tarde isso levará ao socialismo e comunismo de Cuba) e também se voltou contra os EUA que ajudaram na sua independência, mas os EUA sendo uma potência que sempre se aproveitou das guerras para se tornar cada vez mais forte, desejava a independência da ilha de Cuba para obter para si o poder desta.

A América Europeia, cujo capitalismo poderia expandir-se fabulosamente sem os obstáculos da sociedade feudal, acrescentou ao feito inglês novos círculos infernais: a escravidão do negro e o extermínio do índio incontestável. Estes eram os modelos que Sarmiento tinha diante de si e que ele se propôs a seguir fielmente. Ele é talvez o mais

consistente, o mais ativo dos ideólogos burgueses do nosso continente durante o século XIX.

Com os oprimidos tivemos de fazer causa comum, disse ele, para reforçar o sistema oposto aos interesses e hábitos de comando dos opressores. E como os índios e os negros tinham sido relegados para a base da pirâmide desde a conquista, fazer causa comum com os oprimidos veio a coincidir em grande medida com fazer causa comum com os oprimidos. Mas há no mundo colonial, no planeta, um caso especial: uma vasta área para a qual a mestiçagem não é o acidente, mas a essência, a linha central, tem presente que o nosso povo não é o europeu, nem o norte-americano, que é antes um composto de África e América do que uma emancipação da Europa, pois até a própria Espanha deixa de ser europeia pelo seu sangue africano, pelas suas instituições e pelo seu carácter. É impossível atribuir com propriedade a que família humana pertenceu.

A maior parte do índio foi aniquilada; o europeu misturou-se com o americano e o africano, e o africano misturou-se com o índio e o europeu. Nascidos todos do ventre da mesma mãe, os nossos pais, diferentes na origem e no sangue, são estrangeiros, e todos diferem visivelmente na epiderme; esta dessemelhança é da maior importância. Este fato está na origem de incontáveis mal-entendidos. Um euro-americano pode estar excitado, indiferente ou deprimido pelas culturas chinesas ou vietnamitas ou coreanas ou árabes ou africanas, mas não pensaria em confundir um chinês com um norueguês, nem pensaria em confundir um chinês com um norueguês, nem pensaria em confundir um chinês com um norueguês, nem pensaria em confundir um chinês com um norueguês, nem pensaria em confundir um chinês com um norueguês.

No texto Dario fala: “chegará o dia em que os EUA e a Inglaterra serão os donos do mundo”. Dario intensifica sua crítica nesse trecho: “E eu, que fui partidário da Cuba livre, se fosse para acompanhar tantos sonhadores em seus sonhos e tantos mártires em seu heroísmo, sou amigo da Espanha no momento em que a vejo atacada por um inimigo brutal, que carrega como violência, força e injustiça” tradução própria. (Dario 1898. Pág. 455.) Ainda fala: “E você nem sempre atacou a Espanha? ” Nunca. A Espanha não é a curial fanática, nem a pedante, nem a infeliz domine, desdenhosa da América que não conhece; A Espanha que defendo chama-se Hidalguía, Ideal, Nobreza; seu nome é



Nelkuati
Centro de Evaluación Educativa
y de Competencias Profesionales
de Hidalgo CEECPH.S.C.

Cervantes, Quevedo, Góngora, Gracián, Velázquez; seu nome é El Cid, Loyola, Isabel; chama-se Filha de Roma, Irmã da França, Mãe da América. ” Tradução própria (Dario 1898. Pág. 455) “Miranda sempre preferirá Ariel; Miranda é a graça do espírito; e todas as montanhas de pedras, ferro, ouro e toucinho, não bastarão para que minha alma latina se prostitua para Cáliban! ” (Dario 1898) ou seja, que a alma dele não vai se prostituir para Cáliban. Quem é Cáliban? O monstro inglês. Assim tomará partido da Espanha, pois Cuba fez errado, se voltando contra a Espanha. Realmente Cáliban triunfa, porque Cuba se alia aos EUA, aceitando ajuda para poder se livrar do domínio da Espanha, mal sabendo sobre a verdadeiro intensão dos americanos, sua busca pelo poderio global.

Considerações finais

As narrativas pós-coloniais mostram uma visão errônea sobre o legado trágico que a colonização deixou, o colonizador triunfa sobre o colonizado, quando o colonizado ganha forças, passa a fazer o mesmo que o dominador fez em suas terras. Na obra “O triunfo de Caliban” de Rubén Dario é possível ver e analisar o que está ocorrendo, os EUA que foram um dia colônia inglesa, ao obter sua independência passam a querer o domínio de terras próximas, e é assim, que ao oferecer “ajuda” a Cuba de bem feitor nada têm, na verdade estava querendo o domínio deste território e a pobre Cuba achando a ajuda boa, termina por aceitar, anos mais tarde, por fatores históricos, é sabido o que veem a acontecer, divergência entre Cuba e EUA, Socialismo X Capitalismo.

Caliban, a criatura monstruosa da obra de Shakespeare é usada por Dario como uma expressão de crítica à mais nova ambição de chegar a superpotência global dos EUA, ludibriando Cuba a se revoltar contra Espanha e aceita sua “ajuda”. Dario ver as mesmas características de monstro descrita em Cáliban serem projetadas na figura dos americanos, que o país nada tem de justo, uma vez que ajudar a ilha não significava obter algo em troca, pelo contrário, o plano seria um novo regime colonial.



Nelkuati
Centro de Evaluación Educativa
y de Competencias Profesionales
de Hidalgo CEECPH.S.C.

Estados Unidos – Wikipédia, a enciclopédia livrept.wikipedia.org Darío, Rubén, (1896, mayo). El Triunfo de Calibán. El Tiempo, Buenos Aires.

Federici, Silvia, (2010). Calibán y la bruja: mujeres, cuerpo y acumulación. Traficantes de sueños, Licencia CC (Creative Commons).Recuperado de <http://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Caliban%20y%20la%20bruja-TdS.pdf>

Fernández Retamar, Roberto. (1971, con posdata en 1993). Calibán. Alicante, España: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes.

Shakespeare, William (2008). La Tempestad. España: Alianza Editorial.
Fernández, T. Op. cit., p. 19.

Fernández, T. España y la cultura hispanoamericana tras el 98. In: Royano, L. (Ed.). Op. cit., pp. 11-32.

Dantas, Tiago. "Louisiana"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/louisiana.htm>. Acesso em 22 de junho de 2021.